
A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SALA DE AULA

¹Cleber Vanderlei Rohrer, ²Cesar Augusto Alencar Oliveira

¹Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

²Universidade Ibirapuera - UNIB

cleber.vrohrer@sp.senac.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise de produção e utilização de produtos audiovisuais em sala de aula. Apresenta-se primeiramente o contexto histórico sobre as condições de introdução dos diversos recursos audiovisuais em salas de aula. O modelo tradicional da utilização do audiovisual é analisado, discutindo sua trajetória e seus usos na educação em geral e apresentando alguns casos onde há uma discussão mais rica em sala de aula a partir desses recursos.

Palavras-chave: Vídeo; Recursos Audiovisuais; Educação.

Abstract

This article aims to present an analysis of the production of audiovisual products in the classroom. It presents first the historical context on the conditions of introduction of the some audiovisual resources in classrooms. The traditional model of audiovisual use was analyzed, discussing its trajectory and its uses in education in general and presenting some cases where there is a richer discussion in the classroom from these resources.

Keywords: Video; Audiovisual Resources; Education.

Introdução

A presença de elementos audiovisuais na escola guarda uma série de possibilidades como elemento de atração ou de reforço do interesse do aluno, despertando a sua curiosidade e motivando-o (FERRÉS, 1996). Mais recentemente se discute muito a inserção das tecnologias móveis como celulares e tablets. Os alunos cada vez mais são inseridos neste universo digital, abrindo assim uma ampla possibilidade de aprendizado. No entanto, esses mesmos alunos são cada vez mais dispersos, tornando necessário uma maior movimentação em sala de aula, com atividades interessantes e criando uma expectativa de práticas educacionais diferentes.

Frequentemente, o que se segue a essa expectativa, na tentativa de um dinamismo e na utilização de recursos audiovisuais, é a decepção de encontrar, na tela da televisão ou na projeção de um vídeo, uma repetição da mesma “monotonia” ou “didatismo” que se supunha que os mesmos recursos seriam capazes de superar. Em grande parte, os vídeos educativos usados em aula acabam apenas reproduzindo modelos tradicionais de apresentar um determinado tema, sobre os quais os seus produtores não levantaram questionamentos mais aprofundados, tornando-se, assim, meramente ilustrativo, não sendo assim elementos diferenciadores ou estimulantes para os alunos.

Essa situação relaciona-se ao fato de as discussões sobre o uso educativo dos recursos audiovisuais ocorrerem, na maioria das vezes, de forma dissociada das discussões a respeito das possibilidades estéticas e narrativas a serem exploradas na produção deste tipo de material educativo, no qual poucos tem conteúdos audiovisuais que possam ser utilizados em sala de aula, ou como apoio de explicações para os professores, com uma linguagem diferenciada.

Além disso, é grande a complexidade do tema, já que o uso de recursos audiovisuais em sala de aula é permeado por uma série de fatores contextuais, tais como adequação, objetivos, aprofundamento dos conteúdos, motivação e perfil dos professores e dos alunos.

Em uma experiência vivenciada os alunos conseguem visualizar melhor os conceitos relacionados ao desperdício ou ao consumo desenfreado e todas as suas implicações após assistirem e discutirem o vídeo *Ilha das Flores* de 1989, realizado pelo cineasta gaúcho Jorge Furtado. O curta relata a tra-

jetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho.

Este exemplo, já utilizado por diversos professores desde o ensino médio até o ensino superior, mostra como os recursos audiovisuais podem tornar assuntos complexos mais interessantes aos alunos.

A trajetória do audiovisual na educação

O filme foi um dos primeiros recursos audiovisuais a ser utilizado na educação. Assim como a televisão e, posteriormente, o computador, o filme foi inicialmente saudado como solução para diversos problemas educacionais. Cada uma dessas tecnologias oferecia promessas de melhoria do ensino e da aprendizagem e foi, mais tarde, criticada por não conseguir cumpri-las. Desde sua popularização ao longo da década de 1950, a televisão foi vista como a resposta para a melhoria do ensino. Apesar da televisão não ter revolucionado o ensino em geral, ela apresentou uma ferramenta útil para estabelecer uma ponte entre o mundo real e a sala de aula, da mesma forma como ocorreu, em gerações anteriores, com o filme.

No Brasil, a introdução de ferramentas audiovisuais na educação seguiu, em linhas gerais, caminhos muito semelhantes do restante do mundo, apesar das grandes diferenças no que diz respeito a aspectos sociais, políticos e econômicos. As primeiras iniciativas concretas da utilização pela escola com recursos audiovisuais, são registradas na década de 1930, e precisaram contar com investimentos governamentais diretos para que fossem superados os obstáculos econômicos que inviabilizavam a produção privada (MORRONE, 1997).

Por outro lado, era de interesse do Estado Novo de Getúlio Vargas lançar mão do cinema para ampliar seu projeto político de educação e para formar um novo imaginário do Brasil como um país moderno, que desenvolvia a indústria e a ciência. É neste contexto, por exemplo, que foi criado o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) em 1936 (SCHVARTZMAN, 2004).

Percebe-se que o simples envio dos equipamentos para a escola não obteve resultado em um uso qualificado dos meios, já que não se integram à didática exercida pelo professor. A respeito desse ponto, Ferrès (1996) destaca que a “significativa quantidade de meios audiovisuais guardados em muitas instituições educacionais confirma que a causa principal da

não-integração dos recursos audiovisuais na escola não é a falta de meios, mas a desmotivação e o despreparo por parte do professorado”. O estereótipo de que a linguagem audiovisual é universal, não se aplica no que diz respeito ao seu uso no processo de ensino-aprendizagem. Para o autor, não parece possível integrá-la ao processo educativo sem uma preparação nos níveis da formação técnica e tecnológica, da formação expressiva e da formação didática

Experiência com o audiovisual em sala de aula

A vivência em sala de aula demonstra que a utilização dos recursos audiovisuais, além de aumentar o interesse dos alunos sobre temas específicos abre a possibilidade de aprofundamento de forma mais atraente às gerações que hoje estão nas cadeiras escolares, seja do nível médio, fundamental ou superior.

Após a ampliação do tema abordado com o auxílio de um filme, por exemplo, a análise de textos tende a tornar-se mais clara a grupos de alunos que, em sua maioria, não têm o hábito da leitura. A discussão de textos acadêmicos que – para alguns alunos – é de difícil compreensão, torna-se mais clara com o apoio do audiovisual. Mesmo porque, a tendência é que espectador e personagem se misturem, criando identificação:

Nosso olho, e com ele nossa consciência, identifica-se com os personagens do filme; olhamos para o mundo com os olhos deles e, por isso, não temos nenhum ângulo de visão próprio. Andamos pelo meio de multidões, galopamos, voamos ou caímos com o herói, se um personagem olha o outro nos olhos, ele olha da tela para nós. Nossos olhos estão na câmera e tornam-se idênticos aos olhares dos personagens. Os personagens vêem com os nossos olhos. (BALÁZ, in Xavier, 1983, pag. 85)

Algumas experiências em sala de aula são marcantes. Certa vez, havia a necessidade de discutir o atual mercado de trabalho, a conquista de uma vaga e a perda do emprego. Então, iniciou-se uma conversa sobre os métodos de seleção e a acirrada concorrência entre os candidatos e algumas questões foram levantadas: Qual é o limite de comportamento em um momento de extrema pressão? Como fica a ética nesses casos? Como se comportar em uma entrevista de emprego, como entender o atual mercado de trabalho e até que ponto essa competição mexe com o caráter de pessoas que não se incomodam em desrespeitar o concorrente para conquistar a vaga? E

ao perder o emprego, qualquer tipo de “artimanha” é aceita na busca pela recolocação profissional? Duas obras cinematográficas foram temas de discussão.

No filme *O Corte* (Le Couperet, 2005), um experiente executivo perde o emprego e para conseguir uma recolocação, identifica seus oponentes e, simplesmente, mata um a um até ser o escolhido para gerir uma multinacional do ramo de papel e celulose. Já em *O que você faria?* (El Método, 2005), candidatos são colocados em confronto em uma sala, trancados e observados por câmeras e, exaustos, perdem o controle emocional e são eliminados até que sobre o escolhido. A pressão é tão grande que até mesmo a qualidade do almoço servido é questionada.

Os filmes não foram aproveitados/analísados na íntegra. Uma produção cinematográfica permite diversas leituras e o foco era o comportamento de empresas e candidatos. Jacques Aumont, em *A Análise do Filme* (2004) destaca a linguagem cinematográfica e o recorte feito dela que pode ser realizada de acordo com o interesse do espectador. Neste caso, o que foi proposto em sala de aula. Uma obra pode ser analisada por inteiro ou por área (s) de interesse

O olhar com que se vê um filme torna-se analítico quando, como a etimologia indica, decidimos dissociar certos elementos do filme para nos interessarmos mais especialmente por tal momento, tal imagem ou parte da imagem, tal situação. (AUMONT, 2004, p. 12)

Como se vê, a íntegra – ou mesmo frações de uma obra cinematográfica – abre possibilidades de abordagem e entendimento em inúmeras áreas. Após conteúdo teórico, exibição dos filmes e leitura de textos, a discussão torna-se mais enriquecedora, principalmente pelos exemplos – exagerados ou não – do dia a dia desta relação entre o poder econômico, representado pelo empregador, e a massa.

Em uma aula sobre as dificuldades em produzir cultura no Brasil foi utilizado o making of do documentário brasileiro *Dzi Croquettes* (2008). Porém, já que a discussão envolvia cultura, permitiu-se uma ampliação do tema. Os 15 minutos iniciais do documentário propriamente dito traça um panorama do período de ditadura militar no Brasil (1964 – 1985), desde a repressão de manifestações pelas ruas das principais cidades até a censura de obras culturais – cinema, música, televisão, literatura. Tema este, desconhecido pela maioria dos jovens alunos.

Além disso, o posicionamento de um grupo formado por uma dezena de homens que dançavam e representavam personagens tanto masculinos como femininos com a mesma desenvoltura e que se denominavam: “Nem homem nem mulher, gente!” ampliou a discussão para outra seara: o respeito pelas diferenças. A convivência e o respeito pelas mais diversas opções, sejam sexuais ou religiosas, ou as diferenças de raça, local de nascimento ou moradia e as classes sociais foram colocadas em discussão.

Retornando ao tema inicialmente proposto – a produção cultural no País – a contextualização política foi essencial para o entendimento de uma época de repressão de ideias e que, apesar de ter criado uma geração de grandes artistas, forçou, por exemplo, o grupo Dzi Croquettes a tentar a sorte na Europa, pois aqui no Brasil estavam proibidos de encenarem seus espetáculos.

Já o making of do documentário mostra a dificuldade de seus realizadores, a Tria Produções, de conseguir o apoio de empresas para a obra. A persistência de Raphael Alvarez e Tatiana Issa foi única. Apenas no final, quando as imagens já haviam sido captadas, na fase de pós-produção, é que conseguiram o apoio do Canal Brasil para a finalização do documentário.

Além disso, faltava o dinheiro necessário para a candidatura do documentário ao prêmio Oscar. Foi arrecadado uma quantia por meio de crowdfunding – um tipo de financiamento por meio da internet – que possibilitou exibir o filme nos EUA e, assim, candidatá-lo ao mais conhecido prêmio do cinema mundial. Como se pode notar, em uma projeção de pouco mais de uma hora, diversos temas puderam ser discutidos e geraram grande interesse na turma da disciplina Marketing Cultural.

Uma discussão sobre a questão das cotas raciais no Brasil foi ressaltada pelo documentário Preto contra Branco, produzido em 2004 e dirigido por Wagner Morales, que retrata uma disputa desde o início da década de 1970, no Bairro de São João Clímaco, na periferia da Zona Sul de São Paulo, organizada como uma tradicional “pelada de fim de ano” no final de semana que antecede ao Natal. Antes era o tradicional jogo de “Casados X Solteiros”, mas em 1972, iniciou-se a disputa separando as raças. E o que fazer com os mulatos? Com os brancos com traços de negros ou os negros com traços de brancos? Essa partida que ocorre há mais de 40 anos foi matéria jornalística em diversas revistas, jornais impressos e televisivos.

O diretor vai tratar como ponto central a disputa de raças e a amizade entre os participantes das equipes. As animosidades e as ofensas raciais durante a partida de futebol não são maiores do que a amizade que reina entre eles. Com a participação e colaboração ativa do rapper Rappin Hood, a produção resume bem o que acontece durante uma semana de preparação para o grande jogo.

Em uma comunidade altamente miscigenada, composta basicamente por mulatos, a peculiaridade da tradicional partida de várzea é a auto-atribuição da raça pelo participante. Cada jogador se declara negro ou branco e escolhe seu time. Os alunos estabelecem um diálogo claro que a miscigenação racial e a ampliação da discussão sobre as cotas são muito mais complexas e enraizadas na sociedade brasileira.

Considerações finais

As novas tecnologias e os recursos audiovisuais são importantes ferramentas para a educação, e podem oferecer experiências dinâmicas, interessantes e criativas no processo ensino-aprendizagem, além de promover no aluno um maior interesse em buscar novos conhecimentos sobre os assuntos tratados em sala de aula.

As ferramentas audiovisuais oferecem aos professores auxílio no que se refere à difusão de conhecimento e também inovação na forma de ensinar com criatividade e dinamismo. No entanto, a escola exclusivamente dispor de recursos tecnológicos audiovisuais não se mostra suficiente para garantir eficácia e fazer sentido para a aprendizagem. A escola e os docentes necessitam lidar com essas tecnologias de maneira a inserir os recursos nas práticas educacionais, de maneira interessante e extraíndo o que podem trazer de positivo para o processo ensino-aprendizagem.

A integração dos recursos audiovisuais às práticas educacionais permite desenvolver competências de uma melhor leitura crítica e uma ampliação dos saberes para além do âmbito da sala de aula, contribuindo com a exposição de outras visões, experiências e favorecem o desenvolvimento de habilidades nos alunos.

Referências Bibliográficas:

AUMONT, Jacques; MARIE Michel. A análise do filme. 2.ed. Lisboa: Texto & Grafia. 2004.

BALÁZS, B. Nós estamos no filme. In XAVIER, I (Org.) A Experiência do Cinema: Antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983. p. 84-86.

FERRÉS, J. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORÁN, J. M. O vídeo em sala de aula. Comunicação & Educação, v. 1, n. 2, p.27-35, jan. 1995.

MORRONE, M. L. Cinema e Educação: a participação da “imagem em movimento” nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997

SCHVARZMAN, S. Humberto Mauro e as Imagens do Brasil. São Paulo: Unesp, 2004.

XAVIER, Ismail - O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984.

Filmografia

CORTE (O). Le Couperet. Direção: Costa-Gavras, 2005.

DZI Croquettes. Direção: Raphael Alvarez e Tatiana Issa., 2008.

ILHA das Flores, Direção: Jorge Furtado, 1999.

PRETO contra Branco. Direção: Wagner Morales, 2005.

QUE você faria?(O). El Método. Direção: M